

Artigo

O predomínio masculino em batalhas de rima: reflexões a partir do campo virtual e presencial

Wherlyshe Sousa de Morais*
Dandara Cristina Carneiro Viana**

Resumo

As batalhas de rima, uma expressão fundamental da expressão cultural do *Hip-Hop*, configuram-se no Brasil como espaços de disputas simbólicas que podem ser analisadas à luz do referencial teórico bourdieusiano. Nesses ambientes, a improvisação sagaz é o capital valorizado, distinguindo o vencedor por sua capacidade articulatória. Distintivamente, observam-se as batalhas de sangue focadas em ofensas diretas ao oponente e as de conhecimento centradas em temáticas específicas ligadas aos saberes, sem ataques pessoais. Contudo, a análise da dinâmica social desses eventos revela problemáticas como o acentuado predomínio masculino e a rotatividade nas conquistas de títulos. Este artigo tem por objetivo problematizar e refletir sobre a forma como a estrutura sociocultural dessas práticas reproduz desigualdades de gênero. A abordagem metodológica adotada é a observação participante em batalhas de rima e *Slams*, complementada pela análise de interações em redes sociais e pela articulação de entrevistas prévias de nossa autoria com a coleta de novos dados. A fundamentação teórica principal reside nas estruturas bourdieusianas para a análise das dinâmicas de poder e hierarquias simbólicas, em diálogo com a Psicologia no que tange à formação de identidades. O trabalho está em andamento, inserido no Doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Palavras-chave: Batalhas de rima. Gênero. Masculinidades. *Hip-Hop*.

Male Predominance in Rhyme Battles: Reflections from the virtual and Face-to-Face Fields

Abstract

Rhyme battles, a fundamental expression of Hip-Hop cultural expression, are configured in Brazil as spaces of symbolic disputes that can be analyzed in light of the Bourdieusian theoretical framework. In these environments, witty improvisation is the valued capital, distinguishing the winner by their articulatory capacity. Distinctively, one observes "blood battles", focused on direct offenses to the opponent, and "knowledge battles", centered on specific themes related to diverse knowledges without personal attacks. However, the analysis of the social dynamics of these events reveals issues such as a sharp male predominance and turnover in title achievements. This article aims to problematize and reflect on how the sociocultural structure of these practices reproduces gender inequalities. The methodological approach adopted is participant observation in rhyme battles and Slams, complemented by the analysis of interactions on social networks and the articulation of previous interviews of our own authorship with the collection of new data. The main theoretical foundation resides in Bourdieusian structures for the analysis of power dynamics and symbolic hierarchies, in dialogue with Psychology regarding identity formation. This is an ongoing work, part of the Doctoral Program in Sociology at the Federal University of Ceará.

Keywords: Rap battles. Gender. Masculinities. *Hip-Hop*.

* Doutorando em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC.
E-mail: wherlyshe@gmail.com

** Mestranda em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMA.
E-mail: dandara.viana@discente.ufma.br

O riginariamente da expressão cultural do *Hip-Hop*, as batalhas de rima têm ganhado notoriedade entre a juventude. No entanto, Glória Diógenes (2012) ressalta que a juventude é um conceito que exige, de quem pesquisa e atua nesse campo, uma necessidade contínua de decifração. Nesse sentido, entender a juventude em seu meio organizacional é fundamental para extrair percepções da forte carga simbólica do fenômeno que demarca significativamente as relações de poder e dominação através das batalhas de rima. Bourdieu (2012), em seu livro *A dominação masculina*, discorre que:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2012, p. 8).

2

As lógicas de dominação enfatizadas por Bourdieu (2012) ressaltam as nuances entre as violências historicamente produzidas e reproduzidas nas estruturas patriarcalistas, machistas e misóginas da sociedade. Tal problemática se apresenta em sistemas simbólicos que são responsáveis por produções simbólicas transfiguradas como sistemas de dominação, inseridas no seio interseccional das problemáticas de gênero. Dialogando com Bourdieu (2007), o poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão do mundo, destaca-se a oposição entre homem e mulher a partir da reprodução dos discursos e da demarcação histórica da virilidade sobre a ideia do “sexo frágil”. Entende-se que os sistemas simbólicos são estruturas estruturantes que contribuem para a constituição das estruturas mentais e sociais, impondo categorias de percepção e de pensamento que orientam a prática e a reprodução da ordem social, segundo Bourdieu (1989).

Esta pesquisa se debruça sobre a expressão cultural do *Hip-Hop* e seus elementos. Porém, os objetos de pesquisa foram se modificando nos diferentes níveis formativos, pois meu interesse de pesquisa nasceu em 2015, em São Luís, capital do Maranhão. Inicialmente, o contato com a militância estudantil abriu uma teia de contatos que me levaram até o “Movimento de *Hip-Hop* Organizado no Maranhão Quilombo Urbano”, movimento composto por grupos das mais variadas

periferias de São Luís, membros que se consideram “pretos, de quebrada e revolucionários”, conforme sua autoidentificação. Na graduação, de forma mais genérica, pesquisei a origem da expressão cultural, até sua chegada ao Brasil e, finalmente, no Maranhão, junto com a formação do movimento citado. No percurso da pesquisa, deparei-me com diversos problemas que não estavam previstos nos objetivos iniciais e nem teria como adentrar minimamente em tais questões.

Geertz (2008), em *Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galo balinesa*, analisa os sentidos e significados referentes à briga de galos, discorrendo sobre a importância do acesso ao campo e como este se atravessa por diversos fenômenos e problemas que devem ser cuidadosamente avaliados por quem pesquisa. Segundo o autor:

Da mesma forma que nos exercícios familiares de leitura atenta, pode-se começar em qualquer lugar, num repertório de forma de uma cultura, e terminar em qualquer outro lugar. Pode-se permanecer, como eu, numa única forma, mais ou menos limitada, e circular em torno dela de maneira estável. Pode-se movimentar por entre as formas em busca de unidades maiores ou contrastantes informativos. Pode-se comparar formas de diferentes culturas a fim de definir-lhes o caráter para um auxílio mútuo. Entretanto, qualquer que seja o nível que se atua, e por mais intrincado que seja, o princípio orientador é o mesmo: as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso (Geertz, 2008, p. 321).

3

Os pressupostos de Geertz (2008) nos levam a refletir sobre níveis de reflexividade e as nuances que o campo de pesquisa apresenta, além do modo de conduzir as pesquisas fundamentadas em leituras e olhares atentos à realidade, pois o campo é um terreno fértil.

A fertilidade do campo apresentou uma variedade de fenômenos, incluindo as ligações dos membros do movimento com partidos políticos, em específico o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). Daí surgiram diversas questões, mas predominou: como o movimento articula a cultura e a política? Segui com a pesquisa no mestrado na UFAL tentando entender esta articulação. Durante a incursão teórico-metodológica, foram identificados outros fenômenos que despertaram ainda mais o interesse científico, desta vez sobre as formações de identidades políticas e culturais dos jovens participantes de batalhas de rima. Tal problema levei para o doutorado em Sociologia na UFC, onde sigo pesquisando e tentando descortinar a teatralidade do cotidiano que estes jovens estão inseridos.

Origens e Cenas

O *Hip-Hop* surge nos Estados Unidos durante a década de 1970, como tentativa de combater uma diversidade de problemáticas, dentre elas segregação racial, desigualdades sociais e intensas transformações urbanas que impactaram diretamente o cotidiano periférico. De acordo com Rose (1994), sua origem não pode ser compreendida diretamente como resultado de investimento de projeto político, mas como uma expressão produzida por latinos e negros através de suas experiências históricas. Nesse processo, fortaleceram-se os elementos como o *DJ*, *MC*, *Graffiti* e *Break*, que posteriormente passaram a compor uma estrutura amplamente difundida em diferentes países, dentre eles o Brasil. Cada elemento citado cumpre uma função social, na medida em que responde a necessidades do organismo social, Durkheim, (1985), o que permite compreender como as batalhas atuam tanto na construção de identidades quanto na reprodução de práticas sociais entre a juventude periférica. A expressão cultural se espalhou e, junto com ela, novas maneiras de ver e pensar o mundo, oferecendo munção cognitiva e fortalecendo identidades combativas em diferentes frentes sociais.

4

Marcadores sociais estão presentes nas formações e nos novos discursos que se desenvolvem entre a juventude incorporada no *Hip-Hop*, sendo raça, classe e gênero os mais frequentes. Como categoria analítica, os marcadores sociais da diferença são compreendidos como construções sociais que hierarquizam as posições que os sujeitos estão inseridos e potencializam desigualdades. Segundo Hall (2016), os marcadores tratam-se de categorias sociais instituídas com o intuito de enquadrar socialmente os indivíduos, promovendo classificação direta que desconsidera suas características pessoais. Como exemplo, a questão de gênero e sua assimetria de poder, historicamente imposta de forma estrutural:

Mesmo podendo possuir marcadores por si só violentos, como raça e classe, os homens possuem o agraciamento de gênero, resultando no benefício de não precisarem administrar a tensão que as mulheres experimentam ao lidar com um movimento masculinizado, uma vez que já são dominadas em todos os espaços que ocupam (Santos, 2019, p.130).

As formações de novas subjetividades perpassam pelo consumo e compartilhamento do *Hip-Hop* através de seus elementos. Especificamente, as batalhas de rima são frequentemente associadas à produção de discursos críticos sobre as mais variadas formas de opressão e desigualdades sociais. Contudo, ao acompanhar e observar as cenas das batalhas de rima na internet, observamos uma realidade marcada pela produção e reprodução de estruturas machistas, onde o predomínio masculino invisibiliza o feminino, levando não só à dominação simbólica dos moldes de Bourdieu (1989), mas criando espaços de violência simbólica, esta última caracterizada por ser invisível e naturalizada.

As batalhas de rima se alicerçaram junto ao *Hip-Hop* na década de 1980, em São Paulo, pela Rua 24 de maio e pelo metrô, especificamente na estação São Bento, que foi um grande palco e difusor da expressão cultural. Muitos nomes surgiram dali, como Thaíde e Racionais MC's, que contribuíram de forma significativa para a popularização do *Hip-Hop*, no Brasil. Porém, grupos que surgiram a partir desse contexto passaram a construir trajetórias distintas, como o Facção Central, que constituiu um importante espaço de elaboração crítica da realidade social oriunda das vivências periféricas.

Sobre o surgimento das batalhas, em São Paulo, Ricardo Teperman (2011), em sua dissertação de mestrado, aponta que as influências do surgimento e popularização no Brasil se deram através do filme *8 Mile* – Rua das Ilusões, estrelado por Eminem, *Rapper* e compositor americano. Em síntese, o filme tem sua história focada em um jovem *rapper* em plena crise de identidade à procura de um sentido para sua vida, segundo o site Adoro Cinema.

Amanda Ferreira Gomes (2019), em seu artigo *Rinha dos MC's e as Batalhas de MC's de Hip-Hop na Cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica*, aponta que:

Na década de 2000, portanto é quando as Batalhas de MC's vão se revelar no contexto urbano de São Paulo, como uma retomada do movimento Hip Hop ao seu lugar de origem, as ruas. Criolo ao explicar por que criou a Rinha dos MC's conta que o projeto surgiu por uma necessidade de abrir uma conexão entre as pessoas do bairro (Gomes, 2019, p.846).

Diversas reportagens e matérias fazem este recorte temporal, apontando na mesma direção, como o site Nova Brasil, com uma matéria de 2024 com o tema: Conheça as maiores batalhas de rima no Brasil, onde discorre e historiciza basicamente as origens do *Hip-Hop* e das batalhas, apresentando seis eventos com suas características, fotos, organização e premiação. Nesta matéria, nota-se o predomínio masculino em quase todas as batalhas, apesar da presença feminina em algumas, mas, em apenas um registro fotográfico, apresenta uma moça segurando a folha com as disputas.

A matéria apresenta descrição de seis batalhas, acompanhadas de imagens e suas respectivas particularidades, estabelecendo uma conexão direta com a temática deste artigo. A seguir serão detalhados os aspectos relevantes de cada uma dessas batalhas, seguidas de considerações. Na sequência:

1. Batalha da Aldeia (BDA): Segundo o site, a batalha é uma das maiores da América Latina e, em 2024, foi para sua oitava edição, na oportunidade participaram 30 MCs, com premiação de R\$ 100 mil. Considerações: avaliando as atuações e disputas que envolvem cifras altas nas disputas, o fenômeno se cruza não apenas com um jogo de ilusões e distorções da realidade que a juventude atravessa (a precedência de ficar rico), mas também com a predominância quase total do público masculino e a dominação dos mesmos como campeões. Barueri, em São Paulo, é o cenário onde as performances acontecem, mas o evento conta com um canal com mais de 4,6 milhões de inscritos.

2. Batalha da Leste: Esta é uma das principais competições de São Paulo, que, segundo o site, ocorre há 12 anos entre o terminal Itaquera e o Estádio do Corinthians. Considerações: não existem informações em relação às premiações, mas cabe ressaltar que as batalhas costumam ter premiações, desde as mais simbólicas até as de cifras elevadas, como a BDA. No entanto, o consumo também gira em torno de bens simbólicos, pensando Bourdieu (2012). Cabe destacar que a batalha atua como um espaço acolhedor de jovens, visando resgatar ou evitar que se enveredem por outros caminhos. No registro fotográfico do site apresenta um público diverso, entre homens e mulheres, mas os vencedores são homens.

3. Batalha do Real: O palco desta batalha é o Rio de Janeiro, especificamente no bairro da Lapa, criada em 2003. Considerações: As batalhas seguem no formato “mata-mata”, onde cada participante tem dois rounds para apresentar suas rimas. Como citado anteriormente, em relação ao “diferencial”, esta batalha se fundamenta no combate contra as principais problemáticas enfrentadas no cotidiano, como racismo, homofobia e xenofobia. A competição possui regras inclusivas e proíbe qualquer manifestação que vá contra. A imagem não aponta vencedores, mas destaca um registro fotográfico entre uma mulher e um homem durante a batalha.

4. Batalha do Norte: Esta é realizada na Zona Norte paulista, na Praça Margarida de Albuquerque Gimenez, com encontros semanais e reúne rimadores de diversos pontos da cidade. Considerações: em comparação com diversas outras batalhas, os principais meios de divulgação são as redes sociais, e o site aponta como principal característica a divulgação virtual contribuindo não só para divulgação do evento, mas para aumentar a visibilidade do *Hip-Hop*. A fotografia do evento mostra a predominância masculina e um rapaz como vencedor da competição.

5. Batalha da Zil: Esta foi criada em 2017 e se localiza na Zona Leste de São Paulo, em Itaquera. O evento tem atraído entre 100 e 300 jovens, segundo consta no site. Considerações: Os espaços de disputa são ocupados tanto por veteranos quanto por iniciantes, atuando com caráter inclusivo. Esta batalha se apresenta inserida em um projeto social que visa revelar talentos das comunidades periféricas. Além de promover diversidade voltada para o público das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e outras identidades (LGBTQIAPN+) e para mulheres. Mas, na imagem disponibilizada, a maioria do público é masculino e, aparentemente, os vencedores são um homem e uma mulher.

6. Batalha da 16: Localizada no Morro Doce, Zona Noroeste de São Paulo, em frente à Favela da 16, a batalha acontece mensalmente. Considerações: a batalha organizada por MCs locais que buscam fortalecer o *Hip-Hop* com premiações simbólicas, como troféus. Um dos objetivos do evento é utilizar a batalha como ponto de encontro na comunidade. A imagem disponibilizada não apresenta campeões, mas três rapazes.

7. Batalha do *Slam* (Fortaleza): Acompanhamos presencialmente uma batalha de *Slam* em Fortaleza, na Praça da Gentilândia no Bairro Benfica, onde pude observar a dinâmica de participação feminina e as estratégias de resistência adotadas pelas mulheres. A batalha, embora ainda predominantemente masculina, apresentava um espaço mais inclusivo, com regras que incentivavam a participação de mulheres e do público LGBTQIAPN+. A premiação simbólica e o reconhecimento público eram os principais motivadores, destacando-se a performance de uma jovem que abordou temas como machismo e violência doméstica, conquistando o respeito e a admiração do público. No entanto, mesmo com a diversidade do evento o vencedor foi um homem, seguido por uma mulher na segunda colocação. O resultado final, nos leva a uma reflexão indispensável. Este desfecho sugere que, mesmo em ambientes que buscam a diversidade, os critérios de excelência e a recepção do público ainda podem estar atravessados por uma lógica que naturaliza a autoridade masculina.

8

Tenho acompanhado as dinâmicas das batalhas de rima, sobretudo por meio da internet, ferramenta que amplia significativamente o campo de observação e análise. No entanto, para este trabalho, destaco uma experiência etnográfica específica, realizada em 6 de novembro de 2022, durante a produção de minha dissertação de mestrado. Trata-se da Batalha do JP, evento realizado no bairro do João Paulo, localizado na Avenida São Marçal, em São Luís, Maranhão.

A batalha foi organizada pelo Movimento de *Hip-Hop* organizado no Maranhão Quilombo Urbano, um coletivo político e cultural que atua no âmbito da militância, articulando elementos da cultura *Hip-Hop* e mobilizando a juventude periférica. O movimento busca, entre outros objetivos, repolitizar um cenário que, hipoteticamente, tem passado por um processo de despolitização e tal problemática foi cogitada por um de meus interlocutores durante entrevistas para minha dissertação de mestrado. Durante os intervalos das batalhas, os organizadores aproveitam para divulgar agendas de atuação política, como ocorreu na ocasião em questão, quando foram anunciadas informações sobre a Marcha da Periferia, marcada para 20 de novembro daquele mesmo ano, 2022. O intuito era mobilizar os jovens presentes para participarem dessa manifestação, reforçando o caráter engajado e conscientizador do evento. Sobre este evento:

A batalha analisada seguiu os princípios organizacionais, cada mestre de cerimônia (MC) em suas disputas apresentou o que lhe foi exigido. No evento em questão, houve uma sequência de batalhas com diversas rimas que incluíam diversos temas, desde política, problemas sociais, problemas pessoais, narrativas e conhecimentos, tudo isto espalhado pelos dois modos apresentados pelo autor acima, o “de conhecimento e de sangue”. Cada MC exteriorizava suas rimas a partir das regras, porém, notamos através das observações que não era apenas um conjunto de rituais estruturados com objetivo de alcançar êxito nas disputas, mas, cada expressão facial, gestos e rimas, mostrava que acima de tudo, também estava em jogo tentativas de demarcação territorial ali naquele ambiente, o famoso “eu mando aqui”, “eu vou dominar”, ou, “eu sou o maior”. As leituras faciais, gestuais e verbais feitas, nos levaram a examinar algumas atuações que apresentaram elementos ligados as trajetórias pessoais, experiências, críticas e atuações contendo noções de conhecimentos gerais. Alguns MCs que participaram da batalha também fizeram apresentações como pocket show, uma apresentação curta produzida a partir de experiências vividas pelos mesmos. Algumas saíram-se melhor que outras, assim, despertando ainda mais o processo de entusiasmo, visto que, envolviam relatos da vida pessoal e outras apenas representação da realidade, porém, um MC em especial nos chamou atenção, sua apresentação carregava um teor de conhecimentos gerais que delimitava e demarcava sua atuação e participação na batalha, segundo o mesmo, sua apresentação “era uma aula” (Morais, 2023, p.86).

9

A batalha observada por este autor no Bairro João Paulo, em São Luís, embora organizada e materializada por um grupo cultural e político que utiliza os elementos do *Hip-Hop* como ferramentas mobilizadoras da juventude, não contou com a participação de mulheres em seus duelos, os quais foram exclusivamente realizados entre homens. O público feminino, por sua vez, limitou-se à plateia, acompanhando e interagindo com as apresentações de modo geral.

As batalhas analisadas evidenciam uma lógica de dominação masculina, reforçada pela visibilidade proporcionada pelas redes sociais, mas que mantém um público majoritariamente masculino. Enquanto em algumas dessas batalhas, como as do Real, da Zil e a de *Slam*, em Fortaleza, observa-se a abertura para um público mais diversificado, incluindo a participação de mulheres, tanto nas análises presenciais quanto nas virtuais, persiste a quase inexistência de mulheres como participantes ativas. Essa ausência pode ser atribuída a uma combinação de fatores, dentre os quais se destaca o machismo estrutural, intrinsecamente ligado a parâmetros interseccionais que envolvem gênero, raça e classe. Para Bourdieu (2012):

As divisões constitutivas da ordem e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de hexis corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre masculino e feminino (Bourdieu, 2012, p.41).

Claramente, Bourdieu (2012), descreve a maneira como as divisões sociais se introduzem na percepção e no corpo dos indivíduos por meio do *habitus*, mas, as relações de dominação e exploração acabam sendo naturalizadas formando novas percepções entre homens e mulheres.

Sob a luz da psicologia analítico comportamental, os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação (Skinner, 1957, 1978). Essa teoria preconiza que o comportamento humano é selecionado a partir de suas consequências, logo o compreende como produto de três níveis de seleção: filogênese (características biológicas do organismo devido à seleção natural), ontogênese (comportamentos do repertório do indivíduo selecionados por suas consequências) e cultura (práticas culturais construídas e reproduzidas entre indivíduos e suas gerações).

Contudo, como aponta Silva (2015), é necessário demarcar as distâncias epistemológicas entre os autores, enquanto a análise skinneriana foca na relação funcional entre o comportamento e o ambiente, a sociologia de Bourdieu enfatiza o materialismo histórico, no qual as estruturas de classe e a posição dos agentes no campo determinam as regras do jogo social. Propõem-se reflexões acerca da inter-relação entre cultura e o comportamento de indivíduos em grupos sociais, no que tange à manutenção de práticas de desigualdade de gênero, o que contribui para pensar sobre a cultura como agente mantenedor e reforçador para comportamentos de dominação masculina.

Neste trabalho, compreende-se cultura como um conjunto de contingências de reforçamento que moldam e mantêm o comportamento dos indivíduos em um grupo social (Skinner, 1953). Diferente de uma concepção estática ou abstrata, a cultura, segundo Skinner (1971), é um ambiente social organizado por práticas culturais, ou seja, padrões de comportamento compartilhados e transmitidos entre gerações. Silva (2015) sugere que o que Bourdieu denomina *habitus*, um sistema de disposições incorporadas pela

história social do indivíduo, apresenta semelhanças com o conceito de repertório comportamental de Skinner, embora Bourdieu confira ao *habitus* uma capacidade de agência mediadora entre a interioridade do sujeito e a exterioridade das estruturas sociais, o que a análise do comportamento descreve através das contingências ambientais.

As práticas de machismo e misoginia nesses espaços podem ser analisadas à luz da teoria de Skinner (1953), na medida em que se constituem como práticas culturais mantidas e transmitidas socialmente por contingências de reforçamento. Assim como Bourdieu (1998, 2017) argumenta que a dominação masculina se perpetua por meio de mecanismos simbólicos que naturalizam as desigualdades de gênero, Skinner (1953) enfatiza que a cultura não é um estado fixo, mas um processo dinâmico, no qual contingências são constantemente ajustadas para manter o *status quo*. Seguindo a análise comparativa de Silva (2015), a distância entre as teorias se concentra no aspecto de que, para Bourdieu, o campo (como o do *Hip-Hop*) possui regras autônomas ligadas a uma estrutura de poder de classe, enquanto para Skinner, o foco recai sobre como o ambiente imediato reforça ou pune certas ações.

Esse fenômeno limita o comportamento contra controlador das mulheres, reduzindo sua probabilidade de questionar e modificar essas contingências opressivas (Fontana, 2019). Contudo, a continuidade da participação feminina no movimento é mantida por reforçadores que emergem de estratégias de resistência e coletividade. Segundo Santos (2019), a criação de espaços de troca e acolhimento, como as batalhas idealizadas por e para mulheres, funciona como um ambiente de fortalecimento mútuo. Nesses contextos, a possibilidade de transformar a rima em um instrumento de denúncia e a conquista de protagonismo em espaços historicamente elitistas atuam como potentes reforçadores sociais. Assim, o apoio e valorização de suas trajetórias incentivam a permanência dessas artistas, permitindo que elas enfrentem as punições do campo e busquem modificar as regras do jogo social.

Logo, no contexto de batalhas de rima, contingências culturais reforçam diferencialmente a participação masculina e mantém barreiras para a presença feminina. A agressividade verbal, a valorização da competitividade e o domínio do espaço público são traços fortemente associados ao repertório

masculino, tornando-se contingências que favorecem a permanência dos homens nesse meio. Além disso, mulheres que participam dessas batalhas frequentemente enfrentam mais punições sociais ou menor acesso a reforçadores, seja pela cobrança de uma postura distinta da masculina ou pela desvalorização de suas performances. Como resultado, a cultura que permeia as batalhas de rima pode refletir práticas de dominação masculina já presentes na sociedade, dificultando a modificação desse cenário. Como resultado, a cultura das batalhas reflete o arbitrário cultural dominante (Silva, 2015), onde o ambiente atua como fonte de reforçamento para o *habitus* masculino, dificultando a transformação desse cenário.

12

Considerando que a lógica de dominação masculina se faz presente no fenômeno investigado, mesmo de origem periférica e contribuindo na formação de identidades críticas, ele não está isento das práticas de invisibilização do público feminino e na reprodução de discursos machistas. Quanto a isso, Ângela Davis (2016) ressalta que não podemos separar raça, classe e gênero. Eles operam juntos, criando uma matriz de dominação que estrutura a vida. Enquanto Collins (2020) discorre que a interseccionalidade nos ajuda a entender como sistemas de poder, como racismo, sexismo e heterossexismo, estão interligados e se reforçam mutuamente. O diálogo teórico descortina, problematiza e foge das tentativas de sacralização de sujeitos envolvidos em culturas marginalizadas e a reprodução de discursos e das estruturas de violências simbólicas.

O exercício de reflexão proposto neste artigo atravessa desde a gênese do movimento pesquisado na graduação, com relato de uma militante histórica, até a observação das novas cenas nas batalhas de rima, trazendo elementos que reforcem os pressupostos, indo desde entrevistas e análises do panorama das batalhas observadas presencialmente e virtualmente. Durante as pesquisas, realizadas em 2023, entrevistei Luciana Correa, popularmente conhecida como Preta Lu, onde problematizei, fazendo um jogo de palavras inseridas em uma entrevista semiestruturada, questões sobre o machismo. Indaguei que o *Hip-Hop* é predominantemente masculino, e sua resposta foi a seguinte:

Ainda é muito machista, a mulherada sofre muito mesmo, entendeu? Ai tu vê 22 anos depois a negra andar toda de Black Power e dizendo “eu sou preto”, e dizer que o *Hip-Hop* não tem nada a ver com isso? Dá licença! Porque o *Hip-Hop* bebe da década de 70, das lutas da década de 60, 50, ele é como se fosse uma espécie de continuidade, entendeu? Mas só que hoje, a cronometria que eu estou ligada a ela, pra poder fazer essa análise a gente diz também o hoje, 22 anos depois, é, é, são minhas filhas que foram educadas numa cultura *Hip-Hop*, ou seja, muito dessa juventude hoje que tem até 20 anos, teve seus pais que ouviram rap, ouviram Racionais, ouviram muita coisa que surgiu muito de uma cultura que foi produzida inclusive fora da estrutura midiática burguesa, que rompeu, que fez rupturas e rupturas (Corrêa W, 2023).

A interlocutora faz uma associação entre as formações de identidade e a cultura dos machismos no *Hip-Hop*, e ressalta a importância das origens no processo formador. Porém, mesmo com todo processo sócio-histórico, as estruturas continuam reproduzindo as desigualdades de gênero. Assim, reforça-se o diálogo teórico, quando Crenshaw (1989) destaca que a interseccionalidade é uma lente através da qual podemos ver onde o poder colide e se cruza, onde ele se entrelaça e se une. É onde as estruturas de dominação se encontram. Assim, através destas lentes, enxerga-se e tenta-se desnaturalizar tais práticas. Preta Lu associa a criação de seus filhos na expressão cultural com suas formações de identidade crítica e de uma visão de mundo que fuja das naturalizações, dando condições de pensar e combater o machismo estrutural.

A análise das batalhas de rima pode ser enriquecida com a contribuição de Erving Goffman (2009), em *A representação do eu na vida cotidiana*, onde o autor discute a noção de performance social, dramaturgia e representação teatral. Goffman argumenta que os indivíduos constroem suas identidades através de performances que são moldadas pelas expectativas sociais e pelos papéis que desempenham, independentemente de situação, lugar ou classe social. Nas batalhas de rima, os *MCs* performam suas identidades, utilizando-se de estratégias discursivas e corporais para conquistar o público e os jurados. Essa performance é influenciada pelas normas de gênero, raça e classe, que moldam as expectativas do público e dos próprios competidores. No contexto das batalhas, a performance masculina é frequentemente associada à agressividade e à dominação, enquanto as mulheres precisam negociar sua presença em um espaço que as invisibiliza. Goffman (2009) nos ajuda a entender como essas performances são construídas e mantidas, destacando a

importância das interações sociais na formação das identidades. Contudo, diversas performances acompanhadas por este autor nas redes sociais nos mostram nuances em relação ao tom mais politizado, performances estas que tentam exaltar o crescimento através das redes sociais e, conseqüentemente, a monetização da cultura. A busca pela monetização das culturas de rua tem ganhado muito mais ênfase do que a utilização das mesmas no combate das problemáticas utilizadas nas rimas.

Além disso, o diálogo com a psicologia social oferece contribuições para a compreensão das dinâmicas de poder e dominação nas batalhas de rima. Tajfel e Turner (1979), em sua teoria da identidade social, argumentam que os indivíduos buscam uma identidade positiva através da comparação com outros grupos. Nas batalhas, os *MCs* constroem suas identidades em oposição aos seus oponentes, utilizando-se de estereótipos de gênero e raça para se afirmar como superiores. Essa dinâmica reforça as hierarquias sociais e contribui para a marginalização das mulheres e outros grupos minoritários, principalmente nas batalhas de rima.

A psicologia social participa dessa discussão através de conceitos como identidade social (Tajfel; Turner, 1979) e autoeficácia (Bandura, 1977), que auxiliam a compreender aspectos das interações nas batalhas, pensando como constroem sua autoconfiança e habilidades para enfrentar os desafios do espaço competitivo ainda que não sejam o foco central desta análise. A autoeficácia proposta pelo autor se sustenta na crença que uma pessoa tem na sua própria aptidão de executar com sucesso as ações necessárias para alcançar um objetivo específico.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi possível refletir e destacar os principais pontos de contradição de uma expressão cultural que emerge com um caráter combativo e formador de identidades de resistência, nas quais diversos rappers se destacaram e continuam a se destacar, utilizando a arte como ferramenta de luta. No entanto, com o avanço da internet e popularização de novas plataformas que facilitam a ascensão social e a mobilidade econômica, essa expressão tem ganhado cada vez mais atenção entre os jovens das periferias.

Conforme observado por estes autores, todas as batalhas analisadas, desde as mais antigas e famosas até aquelas com menor expressividade, reproduzem estruturas machistas. Isso se evidencia tanto na baixa participação de mulheres nas batalhas quanto na predominância masculina nas conquistas dos eventos, resultando em uma rotatividade quase inteiramente masculina. Mas a que se deve essa dinâmica? Por que as cenas das batalhas de rima não atraem ou não incentivam a participação feminina?

Em suma, diálogos interseccionais entre a psicologia e a sociologia são produtivos, dada a complexidade que envolve a cultura sendo uma construção humana, e, como afirma Glenn (2004), práticas culturais podem ser modificadas, e para isso, é necessário compreender como tais elementos surgem e evoluem ao longo do tempo.

O relato da militante histórica do Quilombo Urbano, Preta Lu, oferece uma reflexão relevante para as questões que encerram este artigo. Segundo a interlocutora, o *Hip-Hop* “AINDA É MUITO MACHISTA, A MULHERADA SOFRE MESMO, ENTENDEU?”, destacando que, mesmo após anos de atuação do movimento e da expressão cultural em si, o fenômeno permanece estruturalmente desigual no que diz respeito às questões de gênero.

Essas questões exigem novas incursões teóricas e metodológicas para serem plenamente compreendidas e abordadas. No entanto, para os propósitos deste artigo, limitamo-nos a apresentar essas reflexões iniciais, que apontam para necessidade de futuras investigações sobre o tema.

***Wherlyshe Sousa de Moraes** é Doutorando em Sociologia pela UFC e Mestre pela UFAL. Graduado em Ciências Humanas, com foco principal na intersecção entre cultura, política e militância. Seu trabalho de pesquisa é especializado na expressão cultural do Hip-Hop. Complementa sua formação com estudos em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

Contato: wherlyshe@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6364744612800012>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8576-3706>

***Dandara Cristina Carneiro Viana** é Mestranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMA. Especialista em Psicopatologia. Experiência nas áreas de Psicologia Social; e Psicologia Clínica, com ênfase em Terapias Cognitivas e Comportamentais.

Contato: dandara.viana@discente.ufma.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8800649285168586>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7657-0517>

Editor de texto: Pedro Henrique Pereira Goldberg
Editora-Chefe Discente: Paola Marlen Chaves Gonçalves

Como citar este texto MORAIS, Wherlyshe Sousa de; VIANA, Dandara Cristina Carneiro. O predomínio masculino em batalhas de rima: reflexões a partir do campo virtual e presencial. **Perspectivas Sociais**, vol. 12, n. 02, e1230560, 2026.

Referências Bibliográficas

BANDURA, Albert. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84, n. 2, p. 191-215, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIÓGENES, Glória. Juventudes, violência e políticas públicas no Brasil: tensões entre o instituído e o instituinte. **Sinais Sociais**, v. 1, p. 102-123, 2012.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. [S. l.: s. n.], 1895.

17

FONTANA, Jordana. **Uma análise da dominação masculina à luz da noção skinneriana de cultura**. 2019. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galo balinesa. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GLENN, Sigrid S. Metacontingencies, selection, and OBM: Comments on Houmanfar, Rodrigues, and Ward. **Behavior Analysis in Practice**, v. 2, n. 1, p. 53-61, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOMES, Amanda Ferreira. Rinha dos MC's e as batalhas de MC's de Hip-Hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 838-860, set. 2019.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-RIO; Apicuri, 2016.

MORAIS, Wherlyshe. **No ritmo do quilombo urbano: cultura, política, militância e lutas sociais no Hip-Hop do Maranhão**. 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

ROSE, Tricia. **Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America**. Hanover: Wesleyan University Press, 1994.

SILVA, Antonio Lima da. **A arquitetura teórico-conceitual de Skinner e Bourdieu: das contribuições à educação às possíveis correlações**. 2015. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SANTOS, Giovanna Silveira. Movimento *Hip-Hop*: Masculino e Masculinizado? **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 16, p. 128-145, 2019.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1971.

SKINNER, B. F. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1978.

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior**. New York: The MacMillan Company, 1953.

TAJFEL, Henri; TURNER, John. The social identity theory of intergroup behavior. *In*: TAJFEL, Henri; TURNER, John. **Psychology of intergroup relations**. Chicago: Nelson-Hall, 1986.